

# Ex-invasor ainda espera solução

Transcorridos 28 dias desde que as 72 famílias remanescentes da antiga favela da 110 Norte foram alojadas no CDS-Sobradinho, persiste a indefinição quanto ao destino dessas pessoas. O GDF mantém a proposta de Brasilinha como única alternativa viável, enquanto os ex-invasores se recusam a discutir novamente o assunto.

"Para nós, Brasilinha é o mesmo que palavrão, não pode ser dito na frente das crianças, porque elas terminam aprendendo", afirma Maria da Cruz, vice-presidente da extinta Associação de Moradores. "Não negociamos mais com o secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes. Nossa conversa agora é com a bancada do DF na Constituinte e com o diretor da Fundação de Serviços Sociais, Gustavo Ribeiro".

## PERSISTÊNCIA

Maria da Cruz diz que não há por que voltar atrás e aceitar a remoção para Brasilinha. "O que tem lá não agrada a ninguém e a nossa posição é definitiva. Precisamos de lugar para morar e vamos aguardar uma solução. A obrigação do Governo é nos ajudar, pois foram me-

xer com quem estava quieto".

Nesses 28 dias em que ocuparam o galpão do CDS-Sobradinho, pouca coisa mudou em relação à situação encontrada pelos ex-invasores da 110 Norte nos primeiros dias. O espaço de cada família continua sendo delimitado por móveis, cobertores e papelão. Há, inclusive, quem tenha optado pela área externa do galpão, como fez Norma Silva Lolola.

Os cuidados médicos e a cesta básica distribuída nos primeiros dias foram substituídos por uma espécie de isolamento. Uma cerca de arame isola o galpão das outras dependências do CDS. O contato com as assistentes sociais tem sido através de visitas esporádicas para verificar se há algum problema mais grave.

Outra modificação é a presença de uma viatura do GOE, policiando a área 24 horas por dia. Os ex-invasores alegam que a presença da polícia deve-se à solicitação feita por eles mesmos. "É para nossa própria segurança, e nas horas de grande necessidade termina funcionando como socorro", explica Maria da Cruz.

Ela conta que além da falta de água, do entupimento das caixas de coleta de detritos e de as fossas sanitárias estarem transbordando há mais de 15 dias, ainda existe o problema das crianças: "Aqui tem creche, aula de capoeira e outras ocupações, mas nossas crianças estão impedidas de participar. Elas estão sem aula e ficam o dia inteiro à toa".

## PRAZO

Apesar de a Secretaria de Serviços Sociais haver estabelecido um prazo de 60 dias para que as famílias permanecessem no CDS, ninguém parece preocupado com isto. Enquanto o secretário Adolfo Lopes encontra-se no Rio Grande do Sul participando do Encontro Nacional de Secretários de Serviços Sociais, o problema está sendo tratado pelo diretor-executivo da FSS, Gustavo Ribeiro. Mas ele evita falar do assunto:

"A solução para os ex-moradores da 110 Norte é avançar o projeto de Brasilinha. Ainda é muito cedo para se falar em prazo, até lá muita gente pode conseguir emprego e deixar de depender do Governo".